



Ao ensejo do encerramento, nesta Capital, da VII Reunião de Governadores da Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguai, o prof. Carlos Alberto Alves de Carvalho Pinto, governador de São Paulo, defendeu a tese de que os Estados são, no Brasil, uma síntese da Nação. "Na realidade, cada Estado, grande ou pequeno, na diversidade de suas próprias condições, oferece, em maior ou menor escala, os contrastes e as perplexidades que marcam o todo nacional.

Essa constatação, aparentemente simples e que justifica, na contigüidade dos territórios, o equacionamento regional dos problemas, é, todavia, frequentemente turvada por juízos falsos ou apressados".

EXEMPLO DE SÃO PAULO

Ilustrando seu pensamento com o exemplo de São Paulo declara o governador:

"Enquanto a economia paulista reposou, quasi com exclusividade sobre o café, vivemos o fenómeno ciclico das regiões monocultoras, nas quais aos períodos de riqueza e prosperidade, sucedem-se invariavelmente os estágios da depressão e do empobrecimento.

Ao apogeu, por exemplo, do Vale do Paraíba e do Litoral Norte, nas primeiras décadas do século passado, onde cidades como Taubaté e Ubatuba embriavam em população e superavam em riqueza à própria Capital da Província, seguiram-se anos de abandono e definhamento, que deram ensejo a Monteiro Lobato, já em nossos dias, de celebrar em páginas memoráveis, as chamadas "Cidades Mortas".

No entanto o Vale do Paraíba, tanto no seu lado fluminense, como nas

suas margens paulistas, ressurge hoje como uma ciclópica usina, antecipando em Volta Redonda e no seu extenso e diversificado parque industrial, a própria imagem do Brasil de amanhã.

Por outro lado, já neste século, assistimos ao desbravamento de imensas áreas, como a Noroeste e a Alta Paulista, figuradas em mapas como "regiões desconhecidas habitadas por indígenas". Brasileiros vindos de todos os rincões e o imigrante estrangeiro, confundiram-se nesse esforço de gigantes, de que resultou a conquista do território, o seu povoamento, a sua integração econômica!

Mas enganar-se-ia quem julgasse concluída a tarefa. Ainda hoje São Paulo realiza um trabalho de incorporação e aproveitamento de vastas áreas litorâneas, habitadas até há pouco pelas populações mais pobres e abandonadas do Estado, que só agora vêm abrir-se-lhes a perspectiva de melhores dias.

SOLUÇÕES OBJETIVAS

Ora, Senhores Governadores, tal como aconteceu e está acontecendo em São Paulo e em suas diferentes regiões, acontecerá inelutavelmente no Brasil, no momento em que todos nós, unidos e sem prevenções regionalistas, concentrarmos os nossos esforços no sentido de projetar o impeto atual do progresso a todo o território nacional. Estabelecer-se-á, então, o equilíbrio, que mas áreas estaduais propriamente ditas, quer nas regiões geo-econômicas como a que representamos, e os contrastes se apalparão em sentido evolutivo, permitindo o surgimento da grande Nação que almejamos para os nossos filhos".

Novos estudos de geografia humana brasileira

Pierre Monbeig, "in" NOVOS ESTUDOS DE GEOGRAFIA HUMANA BRASILEIRA, Difusão Européia do Livro, 1957, faz algumas observações interessantes a propósito do café. A certa altura, declara:

"O Brasil é um país novo, imenso, onde se processa impiedosamente, sob nossas vistas, a conquista pioneira de terras virgens, onde a floresta, cada dia, é abatida pelo machado do homem. Em parte alguma, o desenvolvimento das culturas foi, nos últimos tempos, tão rápido como no Estado de São Paulo, o grande Estado cafeeiro da Federação. Este movimento, como se sabe, é bastante antigo. A "marcha do café" partiu das montanhas do Estado do Rio de Janeiro; por volta de 1850, ganhou o Estado de São Paulo através do Vale do Paraíba do Sul, e, em seguida, a região de Campinas, um pouco antes de 1870. A partir desta data, o entusiasmo pioneiro se acelerou; os plantadores de café transpuseram o escarpamento de arenitos e basaltos que a frente pioneira progrediu para o Oeste, em direção ao rio Paraná. A

fronteira administrativa entre os Estados de São Paulo e Paraná não impediu o avanço desses desbravadores".

E mais adiante:

"Quando se procura as razões do êxito da cafeicultura na América Latina e do reduzido lugar que ela ocupa na África, a explicação mais simples que ocorre é a do determinismo geográfico: condições naturais particularmente favoráveis agiram em favor dos países da América Latina, enquanto condições menos propícias agiram contra as regiões africanas. É verdade que a cafeicultura beneficiou, no Brasil, na Colômbia e na América Central, de um conjunto de condições físicas excepcionais: umas são de ordem climática, pois o cafeeiro é um arbusto essencialmente tropical ou subtropical (sob a condição de que não sobrevenham grandes frios) e o mundo latino-americano se estende precisamente nas latitudes onde imperam esses tipos de clima (condições térmicas e, também, distribuição de precipitações atmosféricas favoráveis ao desenvolvimento do ciclo vegetal). Por outro lado, o cafeeiro

não se dá bem nas regiões de altitude média relativamente acidentada; é o caso, tanto dos planaltos do interior de São Paulo, como das zonas inferiores dos Andes do Norte e das cadeias da América Central. Enfim — mas não sem resumir e esquematizar — as delicadas exigências pedológicas do cafeeiro são facilmente satisfeitas nos países tropicais da América Latina; não apenas necessita ele de terras férteis, mas também de terras bastante espessas e de uma consistência tal que as raízes possam facilmente penetrar nelas. Os países da América do Norte, com os aluviões vulcânicos, e o Brasil com a decomposição dos basaltos ou com as melhores de suas terras arenosas com elementos calcáreos, possuem estes tipos de solo em grandes extensões. Entre todos os países do continente americano, o Brasil aparecia como o mais privilegiado porque, além dessas vantagens climáticas e pedológicas, tinha a fortuna de possuir vastos planaltos onde as lavouras são de instalação relativamente fácil e onde a circulação é de organização simples; acrescentemos ainda que o caráter já ameno de seu clima tropical levava a crer que se poderia cultivar o cafeeiro mesmo sem sombreamento e sem irrigação: os primeiros rendimentos são suficientemente elevados para assegurar um lucro considerável e o espaço não falta para os lavradores em busca de terras virgens. Terminemos esta rápida enumeração das vantagens geográficas do Brasil, lembrando que as terras de café, pelo menos em outros tempos, se encontram próximas dos portos e que a produção se inseria facilmente na vasta corrente comercial do Atlântico".

Posteriormente assevera:

"O café é o tipo de gênero que, produzido numa determinada área geográfica, é consumido na sua maior parte numa área geográfica totalmente diferente".

Finalmente irá observar:

"O que é mais interessante é que não se verifica apenas uma espécie de avanço do café, mas também um retrocesso. Assistimos a um recomeço de cultura do café em regiões já ultrapassadas pela marcha pioneira, em terras consideradas esgotadas e boas apenas para a criação de gado. Renascem algumas fazendas; reconstituem-se certas terras. Isto significa que se abandonaram os processos antigos, da cultura de devastação, e que se adotaram as técnicas modernas de restauração e conservação da terra.

A ressurreição da cafeicultura é manifestada em todas as velhas regiões de café: no Vale do Paraíba, que foi de certa maneira o berço do café em São Paulo nos contrafortes da Mantiqueira, perto de Jundiá e de Campinas, assim como na fronteira de São Paulo e Minas Gerais; nas manchas de terra rica que se espalham pela depressão periférica ou que acompanham o traçado da "cuesta do gres" de Bauru, por exemplo, junto de Marília. Não se trata, portanto, de alguns casos isolados e localizados. Entretanto, a maioria dos plantadores não renunciou aos erros antigos; encontram-se amilidos pés novos plantados segundo a linha de declive (que muitas vezes é bastante íngreme) ao lado de velhas plantações onde a erosão degasta as raízes dos cafeeiros moribundos. A lição nem sempre foi aproveitada.

Foi contudo na luta contra a erosão que se manifestou de forma mais visível a renovação das técnicas agrícolas".